

# Presidente volta a chamar Ulysses

O presidente José Sarney e o deputado Ulysses Guimarães se encontrarão nesta semana, possivelmente hoje mesmo, em café da manhã no Palácio da Alvorada, numa segunda tentativa presidencial de buscar acordo em torno de pontos-chaves no relacionamento do governo com o Legislativo e com o PMDB. O encontro foi acertado ontem entre o ministro da Habitação e Urbanismo, Prisco Viana, e o presidente da Constituinte, na conversa que tiveram na Câmara dos Deputados pela manhã.

Prisco levou a Ulysses Guimarães a indicação de que Sarney considera ter chegado a oportunidade de estender as negociações iniciadas na semana passada com o presidente da Constituinte.

Naquela ocasião, ambos acertaram que seria marcada a data de uma nova reunião. O aceno de Sarney veio um dia após a entrevista que Ulysses concedeu em São Paulo, e que agradeceu ao Governo. Nela, Ulysses adverte os dissidentes do PMDB, crítica o ex-ministro Bresser Perel-

ra e indiretamente sugere que a CPI da corrupção deve ser mais contida.

Sarney e Ulysses Guimarães entraram em choque na semana passada, por causa da reforma do sistema tributário, que o presidente julga tornar o País ingovernável, nos termos em que está sendo promovida pela Constituinte. O presidente da Constituinte, ao contrário, declarou que a reforma está sendo bem conduzida, "porque o cidadão mora nos municípios e não nos gabinetes de Brasília".

## Bloco tenta maioria no Senado

O PMDB, com toda a sua divisão interna, é o ponto sensível que tem levado o Governo a adiar — não desistir — da formalização do seu bloco de sustentação parlamentar, que visa muito mais os tempos pós-Constituinte do que as votações atuais, nas quais a informalidade tem funcionado a contento, com a aglutinação de políticos sem maiores entraves aos interesses palacianos.

O Governo, nas suas contas, tem segurança de já ter conquistado a maioria do plenário da Câmara e vem tentando quebrar as resistências dentro do Senado, num trabalho que confirma a intenção de fazer o bloco para funcionar após a Constituinte. Todos os problemas se concentram no PMDB, pois não interessa o racha institucional do partido, o que ocorreria caso se forçasse o compromisso governista da maioria de seus membros.

Segundo as lideranças políticas afinadas com o Palácio do Planalto, "se quiséssemos lascar com o PMDB bastava formalizar o bloco".

O problema tem ainda aspectos ligados ao presidente Ulysses Guimarães, considerado por aquelas lideranças "um aliado não desprezível embora um tanto contraditório". Todavia, reconhecem que a posição dele condiciona os passos do Governo na direção do bloco. Há plena convicção de que Ulysses concorda que o pacto com o Governo deixa o PMDB mal com a opinião pública e o rompimento definitivo deixaria o partido sem posições importantes para a manutenção de alguns pontos do programa da legenda.

O Governo continua exercendo um trabalho contínuo e diário da busca da formalização do bloco. A experiência tem demonstrado que o Planalto conta com mais da metade do PMDB, com a expressiva maioria do PFL e mais votos nas bancadas do PL, PTB, PDC e outros, esparsos, conforme o tema em foco.

### SENADO

Ao longo da história política brasileira, o Senado sempre foi uma espécie de sustentáculo dos suces-

sivos governos no Congresso. Casa eminentemente conservadora, com poderes revisores sobre as decisões da Câmara, muitas vezes atuou para esfriar eventuais ânimos renovadores dos deputados.

Por paradoxal que pareça, é justamente na gestão do ex-senador José Sarney que o Palácio do Planalto está perdendo a sua tradicional maioria no Senado. Praticamente paralisada há vários meses devido sobretudo à atuação de dois ex-líderes governistas (Fernando Henrique Cardoso, pelo PMDB, e Carlos Chiarelli, pelo PFL), aquela Casa do Congresso prepara-se para aumentar o rol de preocupações do Presidente da República. Depois da CPI da corrupção, a idéia da oposição agora é supular com todas as pompas o decreto que congelou a URP.

Um grupo de senadores históricos do PMDB encaminhou ontem ao presidente do Senado, o paraibano Humberto Lucena, um manifesto exigindo do Governo a imediata remessa do decreto para votação no Congresso.

## Suplente abandona a alpargata

AFONSO COZZOLINO  
Da Editoria de Política

Os políticos, jornalistas e funcionários da Câmara ou do Senado que já conheciam o senador Ney Maranhão (PMB/PE) e com ele se encontraram durante a solenidade de posse ontem à tarde, no Congresso, provavelmente não deixaram de olhar para os pés do parlamentar, à procura das famosas alpargatas que ele sempre usou nos 16 anos em que foi deputado federal. Mas o novo senador surpreendeu a todos: em vez das confortáveis sandálias, usava um elegante par de sapatos preto. Aliás, o mesmo com que se casou há 27 anos e comemorou, dois anos atrás, suas bodas de prata.

— Esta é a terceira vez que usou esses sapatos — contou o senador. "Aqui no Senado dispensarei as alpargatas, pois usá-las poderia parecer uma tentativa de desmoralizar a Casa", justificou. "Mas lá fora, em encontros políticos até mesmo com o presidente da República, voltarei a usá-las. Meu conforto está acima de tudo", informou, bem-humorado.

A ausência das alpargatas, uma marca registrada desse político que agora assume a vaga aberta com a morte do senador Antônio Farias (PMB/PE); contudo, não foi a principal "atração" do dia. O retorno de um antigo parlamentar ao Congresso foi saudado com alegria pelos companheiros menos e mais experientes. À tarde, ao comparecer à sessão da Constituinte, Ney Maranhão recebeu efusivos cumprimentos. Mas coube ao senador Aureo Melo (PMDB/AM), outro suplente também efetivado, a missão mais árdua: esclarecer os mistérios da votação eletrônica. "Devo ter levado uns dez minutos para entender o processo", calculou Maranhão, que só participou de uma votação.



Ney Maranhão

Pernambucano de Moreno, Ney Maranhão não cumpria mandato desde 1969, quando foi cassado pelo AI-5. A carreira política começou em 1951, com a eleição para prefeito da cidade natal. Três anos depois, Maranhão chegava à Câmara dos Deputados, para onde seria reeleito para três outras legislaturas. "Quando o Governo resolveu me dar umas férias de dez anos, dediquei-me aos meus negócios no ramo de frigoríficos e matadouros", contou. Somente em 1979, com os direitos políticos readquiridos, Ney Maranhão voltou à vida pública. Filiado ao PTB, em 1982 concorreu, sem sucesso, à Câmara. De 1983 a 1985, ocupou a superintendência da Cobal no Nordeste. Neste ano, ainda no PTB, apoiou a candidatura vitoriosa de Jarbas Vasconcelos à prefeitura do Recife. No ano seguinte, porém, deixava o partido para fundar o PMB, apoiar a candidatura de Miguel Arraes ao governo do Estado e concorrer ao Senado, como suplente de Antônio Farias.

Chegando à Constituinte

um ano e dois meses após a sua instalação e quase no fim dos trabalhos, o senador prefere não fazer planos. "O futuro a Deus pertence", lembrou. "Eu ainda estou verde no negócio, mas vou amadurecer ligeiro", completou, garantindo que ainda não sabe ao certo como vai atuar na Assembléia. De qualquer maneira, Ney Maranhão informou que pretende seguir a mesma linha de "Toinho", apelido carinhoso com o qual se refere ao senador Antônio Farias. "Sou presidencialista e defendo quatro anos de mandato para o presidente José Sarney, exatamente como Toinho", exemplificou. Maranhão, que se disse satisfeito com o andamento dos trabalhos da Constituinte, garantiu que não vai se alinhar com o Palácio do Planalto. Sobre o presidente José Sarney, ele opinou: "Foi meu companheiro na Câmara dos Deputados e tem um coração enorme. Mas para governar um país como o Brasil é preciso um estadista com pulso. E isto ele não é".

O projeto mais importante para o senador começou a ser posto em prática ontem mesmo. Ele defende a reforma tributária que tira recursos do União em benefício de Estados e Municípios. "Por isso assumi rapidamente a cadeira no Senado. Quero aprovar a reforma tributária", explicou. Além desse projeto, Ney Maranhão citou outros dois que pretende executar logo: a luta para que os pobres sejam menos pobres e os ricos menos ricos e a transformação do PMB em um partido forte em todo o país.

Em meio a tantas missões, o senador avisa que não descuidará da saúde. Aos 60 anos ele nada e corre diariamente e exibe a pele queimada de sol. Seu orgulho maior, porém, é ser faixa preta de judô. "Vou procurar uma academia para treinar aqui em Brasília", disse. "A saúde é tudo", concluiu.